

CRIANÇA TAMBÉM AMA

Maria de Fátima Barreto Michels

Estava relendo Literatura Comentada - Mario Quintana e reencontrei "Indivisíveis", um poema que me fez lembrar o que eu poderia considerar minha primeira paixão.

Feito coisa passional, quase terminou em morte, ou melhor, na tentativa de estrangulamento daquela menina que entrou no meio do ano na primeira série da escola primária, onde estudávamos.

Lá pela metade do ano, a dona Gilda Remor precisou tirar uma licença e veio para nós uma professora substituta. Nessa época, veio também uma nova aluna para a nossa sala.

A Glorinha, de menor estatura que eu, passou a sentar na minha frente. E, para minha grande dor, ela foi colocada ao lado do Rubinho. Deus do céu, que sofrimento! Ver que agora o Rubinho olhava todo faceiro para a Glorinha! Ele no contentamento até balançava as pernas que pendiam sob a mesa. E o que era triplamente trágico: ela era rica, bonita e inteligente.

Aquela menina sentada exatamente na carteira diante de mim atraía os olhares de todos pela sua graça, suas roupas, etc. Além de ameaçar minha secreta paixão pelo menino mais lindo da sala, ainda poderia levar o primeiro lugar nas notas, que eu tanto almejava!

Percebi que o que eu fizera era muito grave para os meus incompletos sete anos quando vi Fernando na porta da sala e a professora relatando meu gesto. Fiquei apavorada. Meu irmão, que estudava no ginásio da mesma escola, levaria para casa a queixa para minha mãe, que era também alfabetizadora num outro estabelecimento.

Para minha surpresa, a professora Maria de Lourdes, minha mãe, se é que meu irmão lhe contou da queixa daquela substituta, não comentou nada comigo. A mãe deve ter desconsiderado o relato que dizia que eu tinha colocado as duas mãozinhas ao redor do pescoço da Glorinha, numa tentativa de estrangulamento, em plena aula! Aquela garota era muito manhosa e eu nem apertei, apenas circudei seu diminuto pescocinho, assim, do nada, na quietude de uma aula de desenho. Foi apenas um susto. Dela e meu. Nem planejei nada! Juro, foi algo inusitado e inesperado também para mim.

Aquela substituta não nos conhecia, e não entendia nada de uma precoce

MIRANDUM

Editorial

CRESCE A CONFRARIA DE QUINTANA

Por Luiz Carlos Amorim

Mario Quintana é quase uma unanimidade na poesia. Cada vez mais aparecem escritores escrevendo sobre o poeta e participando da Confraria de Quintana. E eles não são só do Brasil, temos poetas da Eslováquia, dos Estados Unidos e da Suíça participando desta edição.

Quintana é sinônimo de Poesia e isso é uma verdade incontestável. A Feira do Livro de Porto Alegre, que começou no fim do mês de outubro e vai até meados de novembro é, na verdade, além de tudo o que ela significa para a cultura e para a leitura, um tributo ao grande poeta gaúcho. Os livros de Quintana, reeditados todos, continuam a vender, continuam a encantar o público leitor, que continua bebendo na fonte inesgotável que é a poesia do poeta.

Poesia e prosa, de escritores e poetas de várias partes do Brasil, falando sobre o poeta ou a sua obra, compõe esta quarta edição da Revista Mirandum, da Confraria de Quintana. Mais uma entrevista com o poeta, que nos dá a conhecer mais dele, da sua sabedoria, do seu lirismo, da sua ironia e da sua inteligência. E ainda muitos poemas do poeta.

A Confraria foi criada para reunir os escritores amantes da poesia de Quintana e está cumprindo o objetivo, pois já contabiliza dezenas deles no seu elenco. E abrimos nossas portas e páginas para quem mais escrever sobre o poeta e sua obra.

EXPEDIENTE

MIRANDUM - Prosa e Poesia

Revista da Confraria de Quintana - Edição Nº 4 - Novembro/2008

Editores: Maria de Fátima Barreto Michels e Luiz Carlos Amorim

Contatos: fbarreto@bizz.com.br

lc.amorim@ig.com.br

O RECANTO DE QUINTANA

Pedra Aparecida de Souza*

*Tenho a impressão que todas as
ruas de Porto Alegre
Estreitas ou largas,
longas ou curtas,
retas ou curvas,
me levariam até ali,
para me colocar diante dele.
Suntuoso ainda,
Majestoso,
Majestic, este hotel de sonhos,
Que se abre para o Guaíba,
Em blocos de concreta poesia
arquitetônica,
Unidos pela passarela de sonhos,
Que permite ver-se e ser visto.
Em cada janela um ponto,
Uma vista,
Um olhar que observa a cidade,
Um horizonte...
O rio.
A vida, que passageira em viajan-
tes,
Já foi tão vibrante
e me atrai a buscar
a essência que aqui resiste,
ao silêncio,
ao tempo.
Quantas pegadas neste assoalho
de madeira nobre,
esperanças e emoções todas,
já entraram pelas portas destes
salões
de pés direito altos
como os sonhos daqueles viajan-
tes?
Como os nossos sonhos*

*ainda viajantes que somos
com ou sem rumo.
Talvez, por isso, o poeta
fez deste lugar sua escolha,
seu recanto,
seu universo de variada inspiração
nos mistérios e manifestações da
alma humana,
ali tanta e tão breve,
passageira como a vida.
Inquieto, observador de gente,
a desvelar os segredos
e a dor de cada viajante.
Sua matéria prima: a emoção,
Seu desafio: o "homem",
Seu recurso: a inspiração,
Sua obra: "a poesia".
Majestic Hotel
casa que o poeta,
ainda habita,
pois já sabia
que só um quarto lhe bastaria
para abrigar o corpo,
porque a alma...
A alma em nenhum lugar cabia.
A alma transcendia e se expandia
para além das paredes do quarto,
para além do horizonte visto do
Guaíba.
A alma do poeta ainda se expande
na poesia que nos toca e se multi-
plica,
viajantes que somos
a procura do nosso recanto
Majestic.*

(*Professora em Laguna-SC)

preferências também se reduzem e, neste espaço ternamente delimitado, a solidão se instala. O passado passa a ser vivido no presente. Que imagem mais expressiva de "estar só" do que este último verso do poema em que o sujeito lírico toma todo o palco e, teatralmente, contracenava com companhias invisíveis. "All the world is a stage", disse Shakespeare. Daí a teatralidade desse momento em que "o envelhecer" se encena e mima. Ao explorar o lado humano das situações, Quintana atinge facilmente o leitor e converte o poema não apenas em elemento de fruição estética, pela musicalidade dos versos e densidade de imagens, mas igualmente em um fator de revelação. Revelação, também, terá sido para o leitor encontrar o poeta e acostumar-se com sua figura incorporada à paisagem porto-alegrense, caminhando na Rua da Praia, ou na Praça da Alfândega. Conheci Mario Quintana na redação do Correio do Povo. Estava sentado escrevendo a lápis, e me olhou com um sorriso manso. Nunca mais consegui separar o que li depois daquele olhar azul, daquele riso brando e da voz rouca que ouvi então. Mais tarde o revi muitas vezes e associei, ao prazer de lê-lo, o encantamento de longas conversas nas quais sobressaía sempre sua lúcida inteligência e fina ironia.

No seu aniversário, queria mandar-lhe "uma imagem qualquer para os seus anos", parafraseando-o no poema "Carta", no qual ele endereça à destinatária "o céu, todo este céu de Porto Alegre e aquela nuvenzinha que está sonhando, agora, em pleno azul". Amplio essa primeira intenção e junto um poema intitulado "Cantiga", que Cecília Meireles enviou a Quintana em 1944, e que ele mesmo cedeu ao Caderno de Sábado, para publicação em novembro de 1967:

Quando passarem os dias
e não mais se avistar
nosso rosto, e o sereno
modo nosso de olhar,
e a nossa evaporada
voz não viver mais no ar,
e as sombras esquecerem
a que era a do nosso andar,

vai ser doce pensar-se
- em que secreto lugar? -
nos sonhos que inventamos
ternos e devagar

no perfil que tivemos,
tão fino e singular,
e no louro e nas rosas
que o poderiam coroar,
e nos vergeis que sentíamos,
quando íamos a par,
ouvindo o amor que nunca
chegou a sussurrar...

UM POETA E O LEITOR

Tânia F. Carvalhal

Tendo nos deixado há pouco, Mario Quintana pode conviver com seus leitores de uma forma continuada e regular desde 1940, quando publicou o volume de sonetos "Rua dos Cataventos". Em livro e no jornal, o poeta esteve sempre próximo, dando-nos a sensação de que expressava o que sentíamos. Ele mesmo se encarregou de explicar essa curiosa empatia entre autor e leitor, dizendo não ser o leitor que descobre o poeta, mas o poeta que descobre o leitor, que o revela a si mesmo.

Talvez seja este um dos traços mais significativos de sua obra: a facilidade como mobiliza o leitor para as mais variadas emoções, indo de encontro rapidamente a sua sensibilidade. Por isso, não é difícil encontrar quem reproduza de memória muitos de seus poemas. Se nos ocorre perguntar que traços de sua lírica lhe asseguram a comunicabilidade fácil, que recursos garantem a permanência de certos poemas seus em nosso ouvidos, diríamos: alguns por serem curtos, versos "avulsos" de imagens concentradas; outros porque exploram um senso comum, algo conhecido mas ainda não formulado poeticamente, ou ainda por serem impregnados de coloquialismo, através do qual o leitor se torna um

interlocutor privilegiado. Mas particularmente, porque Quintana soube expressar sentimentos que, embora sendo individuais, são também coletivos - e muitas das situações, cotidianas.

Ler a poesia de Quintana é reencontrar a vida em fragmentos e em suas múltiplas modulações e descobrir, num relance, uma maneira nova de perceber certos fatos e entender certos momentos. Isso se concretiza, por vezes, numa simples frase, como em "amar é mudar a alma de casa". Ou "as únicas coisas eternas são as nuvens." Ou ainda em uma simples quadra, na qual define "Envelhecer":
*Antes, todos os caminhos iam,
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos,
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.*

Quintana está aí, sintetizando, sem melodramas, uma situação. Ela se concretiza em uma imagem que contrapõe, em exato paralelismo, tempo e direção: antes/agora, iam/vêm. Há uma reversão: no passado tudo era futuro, no presente tudo é retorno. O espaço se reduz, como as lembranças, numa opção seletiva, onde não há nostalgia mas simples constatação. Não mais o "ir" dos caminhos, mas o "estar" na casa. As

CARTA A MARIO QUINTANA

Joinville, novembro de 2008

Caro poeta Mário Quintana!

Pediram-me para escrever sobre você e eu então resolvi escrever para você. Você é tão grande dentro da sua simplicidade e sinceridade de gaúcho do interior que tenho até medo de não encontrar as palavras certas.

Você nasceu em Alegrete, mas eu sei, porque vejo nos seus versos, o quanto ama Porto Alegre. Eu também amo. Já morei lá e volta e meia estou por lá. Falei que você é grande dentro de sua simplicidade porque você escreve coisas profundas em versos singelos. Gosto muito das suas quadrinhas.

Algumas são cheias de humor, outras são irônicas, outras encerram verdades indiscutíveis e muitas dão conselhos como um experiente psicólogo.

Você não é complicado. A gente entende tudo o que escreve. Sim, porque tem poeta que embaralha as palavras de um jeito que não se entende e então a poesia não penetra na alma.

Sabe, gosto muito do poema "Os Arroios" do seu livro Baú de Encantos.

"Os arroios são rios guris.

Vão pulando e cantando dentre as pedras...

Conhecem o cheiro e a cor das flores que se debruçam sobre eles

Nos matos que atravessam e onde parecem quererem se sentar..."

Sinto não ter podido um dia visitá-lo no Hotel Majestic onde morava, para da sacada, contemplarmos o Guaíba e batermos um longo papo. E, se você concordasse, eu pediria que recitasse seu poema "Dedicatória" do livro A Cor do Invisível onde você mesmo define sua poesia e que termina assim:

"E por isso as minhas palavras são cotidianas como o pão nosso de cada dia

E a minha poesia é natural e simples como a água bebida na concha da mão."

Um abraço cordial,

Else Sant'Anna Brum

"A POESIA É UMA MANEIRA DE SER"

Entrevista com Mario Quintana nos anos 70

Até completar 70 anos, em 1976, Mario Quintana era radicalmente avesso a entrevistas. E aí foi se abrindo aos poucos, embora pouquíssimas vezes tenha conversado com jornalistas por mais de meia hora. Num mês dos 70 fui procurá-lo e ele pediu as perguntas por escrito. Respondeu-as monossilabicamente, escrevendo à mão no pequeno intervalo do papel entre uma e outra. Um ano depois recebeu-me novamente e aceitou o gravador ligado. São dessa entrevista os trechos reproduzidos a seguir. (Juarez Fonseca)

Pergunta: O senhor acha que um escritor de fora dos grandes centros deve procurar projeção nacional mudando-se para o Rio ou São Paulo?

Mario - Apesar de dizerem que eu sou "subestimado", sou conhecido em todo o Brasil. Quando cometi a asneira de fazer 70 anos notei isso, recebi cartas de todo o Brasil. E outra coisa: o Érico Veríssimo não foi projetar-se no Rio, eu também não fui projetar-me no Rio. O que eu acho muito estranho é que em toda parte onde vou, seja Rio ou São Paulo, me perguntam por que

eu não saio daqui. Ora, eu respondo que é pelo mesmo motivo que eles não saem de lá. Por que sair? Quem sai de sua terra tem um aspecto de aventureiro, sempre. Depois, mais cedo ou mais tarde descobrem a gente, desde que se tenha alguma coisa a ser descoberta. Quando o camarada não tem nada a ser descoberto, ficará tão encoberto lá como aqui.

Pergunta: O senhor lê ou leu filosofia?

Mario: Eu quando era gurizote queria descobrir o mundo, a significação da vida, queria descobrir por que estava aqui. Lia muito, até que um dia fiquei pensando: mas estes problemas fundamentais, digamos, em dez séculos de pensamento humano não foram resolvidos. Se craques como Platão, Aristóteles e outros não resolveram nada, muito menos eu. Então achei que não valia a pena estar me indagando, me perfurando. E depois, antes de tudo, a minha maneira de ser era a poesia. Porque a poesia não é uma maneira de escrever, é uma maneira de ser...

Pergunta: O senhor acha que um poeta não pode se formar, deve

no remoer dos questionamentos amargos, eu imagino, mas tão somente como aquelas revelações que, num repente inundam a mente. Uma espécie de clarão. Daí o espanto, as poucas palavras, a revelação.

Avatar da Poesia, quem dera renascimentos esplendorosamente através de um dos meus versos! Haveria de ser assim, de devagarzinho, contundente. Como o pulsar do coração diante de uma bela cidadezinha sentida.

QUEM TANTO...

Jacqueline Bulos Aisenman
(Genebra - Suíça)

*Ah, qual não foi o meu divino encanto
ao descobrir maravilhada o seu caderno h,
seus versos, linhas, seu baú de espantos
todo o poeta que estava lá!*

*Seu gosto pelo humor e o trágico
Mundos de nós, de Oz, de sapatos floridos
Reflexos ilusórios no espelho mágico
Inéditos e esparsos, tempos tantos idos...*

*Palavras e sangue sob a fantasia dos versos
Canções derradeiras de ninar na cama
Poesias abrandando em tempos adversos...*

*E meu rimador, doce aprendiz de feiticeiro
Atendendo aos homens pelo nome de Quintana
No batalhão de letras seguia justiceiro!*

<http://certaslinhastortass.blogspot.com>

AVATAR DA POESIA

Cissa de Oliveira

*"... todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!"*

Mário Quintana (1906) : Poeminho do Contra

Quando eu penso em Mário Quintana é como se o fluir do pensamento se ajustasse ao pulsar do coração, num casamento tão inespérado e perfeito quanto os desenhos das crianças nas margens largas e brancas dos livros de poemas. Situação que um dia ele profetizou.

Quintana, pássaro devagarzinho. Passarinho. Será por isto que ele declarou numa entrevista: "Duas coisas ativam a minha poesia: a poluição sonora das cidades e o silêncio da cidade pequena". Ambas, eu penso, opostos vivenciados através do ambiente, acordariam no poeta diferentes questionamentos e diferentes formas de abordá-los. E se assim era - como deixar de ir direto a este outro ponto? -, onde se encaixaria o seu "Poeminho do Contra"? É esta talvez a pergunta mais difícil que eu me faço acerca do poeta, e possivelmente também a mais e perigosa, devido ao meu simplório conhecimento no território vasto da literatura.

Vejamos as possibilidades que me ocorrem enquanto leitora: "... todos estes que aí estão / atravancando o meu caminho / eles passarão...". De imediato eu carrego o autor e os versos para a tal "poluição sonora das cidades", característica que reveste e abafa qualquer subjetividade. À desordem dos sons, elevada até ao que o poeta considerava poluição, se emparelharia, penso, a mesquinharia daqueles que "atravancam", sabe-se lá de que forma, o caminho da poesia. E então o deslumbramento final: "... eu passarinho...". Sim, ele passarinho! Tal Avatar que veio para a poesia. Como se sabe, o conceito de Avatar é a manifestação de um ser imortal, uma fase de variação de uma entidade básica contínua, como por exemplo a encarnação na forma humana. Na segunda possibilidade, o silêncio da cidade pequena é o que teria inspirado em Mario Quintana o referido Poeminho do Contra. Então, não enquanto fruto nascido

necessariamente nascer poeta? Mario: Sim, como eu já disse: é uma maneira de ser. E os leitores de poetas também são poetas inéditos. Eu acho que não é o leitor que descobre um poeta, é o poeta que acaba descobrindo o leitor. O leitor lê um poema e diz: "Isto sou eu". O poeta não é nada de mais, o poeta simplesmente diz o que os outros poderiam sentir ou dizer. Só que o poeta chegou antes. Só isso, nada mais.

Pergunta: Que tipo de formação

literária o senhor teve? Mario: Tive a vantagem de nascer num tempo em que a gente não tinha outra coisa a fazer senão ler. Porque não havia tevê, cinema era uma vez por semana, e tanto em Porto Alegre como em minha terra, lia-se muito. Eu li muito cedo bons livros. Lembro que as minhas primeiras leituras foram os poetas franceses e os romancistas russos, gente como o Dostoiévski. Tive a vantagem de sempre gostar de leitura e aprendi francês muito cedo, porque fui criado no fim da Belle Époque.

MARIO QUINTANA

Nei Duclós

*Olhem o antípoda
olhem o animal da palavra
É um dinossauro na cidade de
vidro
borboleta branca na
floresta queimada*

*Respeitem seu andar
e desconfiem com temor
da sua conversa fiada*

*Ele é o flagelo do Senhor
e vocês não sabem*

PEQUENO POEMA DIDÁTICO

Mário Quintana

O tempo é indivisível. Dize,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconsequente conversa.

Todos os poemas são um mesmo
poema.
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre...
Todas as horas são horas extremas!

UM OUTRO SONHO

Rosângela Borges

(Eslováquia)

*Ah, se soubesses Quintana,
Desses fantasmas que assombram
teu planeta,*

Talvez nos deixarias

*Mais do que uma Lili inventando
o mundo,*

Talvez nos deixarias,

Pedros, Anas, Albertos,

*Todos inventores de um outro
sonho...*

Ah, se soubesses Quintana

*Que tanta gente nessa terra
Também olha para retratos-
crianças*

E também os escondem

Porque a criança que foram

Não pensa, não fala, não ouve

*Apenas tem segredos que nunca
tivesses!*

Ah, Quintana,

Desce daí, poeta!

Venha ver

*Que não há franksteins bonitos
por aqui,*

*Não há Lilis para inventar mun-
dos,*

Nem Pedros, Anas ou Albertos...

Neste quintal,

Querido poeta,

Há milhoes de anjos estranhos

*Que andam em nossos porões
E assombram nossos dias!*

Ah, Quintana venha ver

*Que essa gente precisa de poetas
loucos*

Que falem sobre o amor,

Sobre esperança e galinhas

Que põem ovos com carimbo

*E poetas que datam seus poe-
mas...*

Ah, meu doce Quintana...

Venha de novo e traga sua Lili

E toda a sua dolorosa alegria

Traga tuas flores e poesias

Venha leve, devagarinho

Fazer rimas com os passarinhos...

O HOMEM E A ÁGUA

Mario Quintana

*Deixa-me ser o que eu sou,
o que sempre fui,
um rio que vai fluindo.*

E o meu destino é seguir...

seguir para o mar.

O mar onde tudo recomeça...

Onde tudo se refaz...

RETRATO DA PRESENÇA DE QUINTANA

Luiz de Miranda

*De repente Mario nos ensina
o rumor da tarde e seus insetos
a sombra no silêncio
ávida vem do escuro
no brilho de uma maçã madura
na janela do verão
vem também a dura presença
de uma estrela deserddada
vem a luz verde do pomar
onde se inscrevem as vergamotas
o aroma gentil das romãs
o rubro amor das auroras*

*Vem a vida vem o Mario
com seu casaco cheio de asas
sobrevoa a casa de nossos sonhos
e circulam os anjos azuis do mar
a namorar o amargo perfil da
ausência*

*vem a reticência de uma mão
gelada
na janela azul da alma*

*De repente aprendemos
que as palavras sozinhas
não tecem a poesia
que só podemos tratá-las
ao calor da vida
e mesmo da melancolia
retiramos o mel da esperança*

NO QUINTANA'S BAR

Carlos Drummond de Andrade

*No Quintana's Bar,
sou assíduo cliente.
É um bar que não é bar,
é um bar diferente.
Nele bebo sequer
copo-d'água gelada.
Meu whisky é a noite escura,
meu gin, a madrugada.
No entanto me embriago
até as raias da loucura.
É então que me atraiçoa
a canhestra ternura
(o goche sentimento
que me expõe e envergonha,
tão inadequado
ao mundo e sua ronha).
A atração do bar
é o proprietário.
O seu rosto descerra
o auge do Calvário.
Prestidigitador
cria noite de prata,
oceano irreal
e barroca fragata...
Induz-nos à catarse
dos apetites tortos,
ao invocar a mística
de Mil Meninos Mortos.
Enquanto as horas fluem
na insólita vigília,
vai-se criando entre nós
certo ar de família
E em esferas rolando
pela noite e seus véus,
com fé aguardamos
a alvorada de Deus!*

lembrados, é o 'idealizador' do curso superior para diplomar escritores, divulgado em 2006.

Em meio a verdadeiras homenagens, encontrei, em outra página do mesmo caderno, um artigo não assinado, onde está escrito que a "... idéia generalizada de que a poesia de Quintana era, em grande parte, igual ao próprio poeta transbordou para o público, de modo que sua imagem, hoje em dia cristalizada - relevante, já que se fala de um escritor que foi, em vida, muito popular - o resume como um único personagem literário: o avozinho benfazejo que peregrinou pela Rua da Praia durante a Feira do Livro, o pitoresco velhinho que morou no Hotel Majestic, autor de "O Mapa", do "poema do passarinho" e de meia dúzia de outros versos - sempre os mesmos, repetidos à exaustão."

Ora, fazer essa idéia de um poeta como Quintana é, no mínimo, desrespeitoso. Afirmar que Mário Quintana se resume ao "poema do passarinho" - o nome do poema é "Poeminha do contra", "O Mapa" e meia dúzia de versos - não é nem

meia dúzia de poemas, escreveram meia dúzia de versos mesmo - me parece ingenuidade, para não dizer outra coisa. E de mais a mais, existem poetas chamados "grandes" que não têm sequer um poema conhecido, consagrado, que dirá dois poemas e "meia dúzia de versos". Penso que qualquer um de nós, leitores, pode não gostar da obra de Quintana, é natural. Ninguém é obrigado a gostar de nada, ou se gosta ou não se gosta. E não gostar de alguma coisa não significa que essa coisa não presta. O que não pode acontecer é um formador de opinião - se ele tem espaço em um grande jornal para dizer o que quer é formador de opinião - expressar seu gosto particular como sendo afirmação da verdade. Principalmente um "formador de opinião" que não assina o que escreve e com uma visão tão estreita.

Como o próprio poeta já disse, 'um poeta não é maior nem menor, nem grande nem pequeno. Só há duas alternativas: ou ele é poeta ou não é poeta.'

E ele tem dito!

DA PERFEIÇÃO DA VIDA

Mario Quintana

Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
e não degraus do Ser!

BALADA PARA QUINTANA

Joel Rogério Furtado

*Ele vinha de todas as eras
apascentava todas feras
domava todas as pontes
vencia todos os montes
da sensibilidade*

*do amor real
da ternura... da saudade.
Escalando a linha imaginária
dos corações
dominava todos os horizontes
com seus olhos ternos
enigmáticos e grandes.
Ele quebrava o vácuo*

*das lonjuras
bebia o mistério da vida simples
com a simplicidade dos puros
dos ternos e dos bons.
Buscava diminuir a distância
entre os corações que se fundem
que entrelaçam
se completam verdadeira
e completamente.*

*Mas ele não se foi
na verdade ficou mais perto de nós
que antes
porque veio morar dentro da gente
no mais íntimo de todos os que
amam
sua poesia... suas verdades...
e assimilaram suas pregações.
Ao invés de partir... ele veio
mais para dentro dos refolhos
mais profundos de nossas almas.*

A ROSA SECA

Teresinka Pereira (USA)

**"Como essas coisas
Que não valem nada"**

Mário Quintana

*E são perigosas
no território emocional
e fazem chorar
olhando o quadro na parede
coberto de arame farpado
ou as pétalas secas
dentro de um livro
na página do poema
que foi escrito
para celebrar o amor.*

*Quando a manhã
perde o amanhecer
e as rosas do jardim
estão indispostamente frescas
a paisagem se desgarra
da vida e do amor perdido.*

SILÊNCIOS

Mario Quintana

Há um silêncio de antes de abrir-se um telegrama urgente
Há um silêncio de um primeiro olhar de desejo
Há um silêncio trêmulo de teias ao apanhar uma mosca
E o silêncio de uma lápide que ninguém lê.

O POEMA APESAR DE TUDO

Mario Quintana

Às vezes faço poemas de um equilíbrio instável...

Cai, cai, balão!

(As prateleiras da estante estão olhando, dentes arreganhados, compridos dentes de todas as cores festivamente arreganhados).

Ah! O trabalho do poeta! Nem queiras saber...

É muito pior do que armar meticulosamente um castelo de cartas,

ou uma Torre Eiffel com pauzinhos de fósforos ante a janela aberta

(lá fora sorri sadicamente o Anjo das Tempestades)

E pensar que ainda há gente por aí que acha tão fácil o milagre da Ascensão...

Mas ele não caiu

O poema desta vez não caiu...

Olha! O poema chispa como um Sputnik!

O poema é a lua na amplidão!

O material publicado nesta revista pode ser reproduzido em qualquer mídia, desde que citados o autor e a fonte. Pedimos que informem a publicação de qualquer texto para o e-mail lc.amorim@ig.com.br.

A COR DO INVISÍVEL

Clarice Villac

*Quintana, o mago vidente
colore letras, caminhos
bem simples, cotidianos
desvela redemoinhos
flui percepção-criança
além do que a vista alcança -
não estamos mais sozinhos!*



QUINTANA, POETA MAIOR

Por Luiz Carlos Amorim

Protelei muito, não queria falar sobre o assunto, mas não resisto. Li um caderno cultural de um jornal gaúcho, exclusivo sobre Mário Quintana, publicado no início de 2006, à guisa de homenagem pelo centenário de nascimento do poeta.

Entrevistas, depoimentos de colegas e pessoas que o conheceram, como Bruna Lombardi - a musa, críticas, opiniões, bibliografia, fotos. Lá pelo meio do caderno, num texto sobre qual lugar o poeta ocuparia dentro da literatura brasileira, já o subtítulo me intriga: "Críticos e escritores ainda discutem como e onde situar a obra de Mário Quintana: um autor menor, simplista, ou uma presença única, indefinível nas letras nacionais".

Fiquei surpreso e me senti desconfortável com a dúvida: Quintana, um escritor menor? Simplista? Indefinível? Como cogitar qualquer coisa assim de um escritor como Quintana? Será que, se ele fosse menor, simplista, o Brasil estaria lhe prestando homenagens, publicando livros e livros sobre ele, reeditando toda a sua obra, falando dele em todas as mídias?

Iniciando a leitura do texto propriamente dito, logo no início, passei do desconforto à indignação. O autor do texto, Carlos André Moreno, afirma que "...se Drummond foi o claro

enigma, Quintana pode muito bem ser a charada obscura".

E piora. Mais adiante, ele escreve que "a percepção crítica de sua obra oscilou diversas vezes: foi renovador da lírica riograndense, um passadista, um ironista mordaz, um discutível integrante da chamada 'geração 45', um poeta menor repetitivo e mesmo uma figura indefinível no cenário das letras brasileiras".

Fiquei em dúvida quanto a estar lendo aquilo em um caderno publicado para se integrar às comemorações do centenário de nascimento de um poeta da terra, conhecido, respeitado e amado naquele estado, no Brasil e até fora dele.

Mas havia mais. No mesmo artigo, o autor repete a afirmação, estendendo-a a outro poeta consagrado:

"Quintana ocupa uma posição instável no cânone da poesia nacional. Às vezes é comparado a Vinícius, como ele poeta de fácil comunicação com o público, às vezes é posto ao lado de João Cabral e Drummond. Em outras ocasiões, tem uma trajetória comparada a de Manuel Bandeira, poeta ora tido como um mestre, ora como um escritor menor. Um dos que se aliam a essa interpretação é o gaúcho Fabrício Carpinejar."

Carpinejar, vocês devem estar

Mario de Miranda Quintana

“Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando?”



Mario de Miranda **Quintana** nasceu na cidade de Alegrete (RS), no dia 30 de julho de 1906, quarto filho de Celso de Oliveira Quintana, farmacêutico, e de D. Virgínia de Miranda Quintana.

*"Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos - onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo..."*

<http://quintanares.blogspot.com/>

http://www.releituras.com/mquintana_bio.asp

paixão.

O Rubinho quase não cresceu e fiquei mais alta do que ele rapidamente. Ganhei o primeiro lugar e recebi o prêmio das mãos da Dona Gilda, que eu adorava.

Na hora do recreio, agora na segunda série, com a Dona Yolanda, eu só olhava para o Valtinho, embora não tenha tirado o Rubinho da minha cabeça por mais de um ano!

Nunca mais falei com a Glorinha. De mal para sempre!
"E a mesma animal - ou celestial - inocência"

INDIVISÍVEIS

Mario Quintana

O meu primeiro amor e eu sentávamos numa pedra
Que havia num terreno baldio entre as nossas casas.
Falávamos de coisas bobas,
Isto é, que a gente achava bobas
Como qualquer troca de confidências entre crianças de cinco anos.
Crianças...
Parecia que entre um e outro nem havia ainda separação de sexos
A não ser o azul imenso dos olhos dela,
Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,
Nem no cachorro e no gato da casa,
Que tinham apenas a mesma fidelidade sem compromisso
E a mesma animal - ou celestial - inocência,
Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul o céu:
Não, não importava as coisas bobas que disséssemos.
Éramos um desejo de estar perto, tão perto
Que não havia ali apenas duas encantadas criaturas
Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,
Enquanto a gente grande passava, caçoava, ria-se, não sabia
Que eles levariam procurando uma coisa assim por toda a sua vida...

Visite o Portal PROSA, POESIA & CIA. do Grupo Literário A **ILHA** em [Http://br.geocities.com/prosapoesiaecia](http://br.geocities.com/prosapoesiaecia)